

O Aspecto Demográfico
do
Paludismo em Portugal

POR

VEIGA PIRES

Separata de «África Médica» N.º 4 — Abril de 1939

RC
MNCT
616
PIR

Com admiração
e gratidão

23/1/47

F. Veiga Pires

O ASPECTO DEMOGRÁFICO
DO PALUDISMO EM PORTUGAL

POR

VEIGA PIRES

Trouxe-me o número de Dezembro de 1938 da *África Médica* a grata surpresa de dois valiosos artigos assinados pelos Drs. Bernardino Lavrador Ribeiro e Fausto Landeiro, ambos meus antigos condiscípulos, ambos ilustres hoje: o primeiro, velho amigo desde os bancos da Faculdade de Medicina no Pôrto, que mais tarde encontrei prestigiado em Angola, na *Campanha contra o Sono*, onde me prestou serviços que jamais esqueço; o segundo, companheiro na Escola de Medicina Tropical aqui revelando já o espírito que devia trazê-lo à alta situação, que tem agora nos serviços sanitários do País.

Folheando os dois trabalhos evocava os longos dias já passados, depois que nos apartámos terminada a alegre e fugidia camaradagem escolar, e melancolicamente recordei o imortal patriarca do *devis* eterno — «Não se desce duas vezes no mesmo rio, porque nunca é a mesma água que nos banha», — doutrina Heracliteana que o divino Camões talvez conhecesse e enunciasse naquele soneto de imarcescível beleza:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

.....
E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto,
Que não se muda já como soía.

E talvez seja melhor assim! É precisamente a irreversibilidade da vida que lhe dá o seu valor supremo.



IL
HNCI
616
PIR

...Ao ler esses artigos sôbre o III Congresso Internacional de Medicina Tropical e Paludismo em Amsterdão salteou-me o desejo de verificar um pouco de perto, o que representa para nós, portugueses, para a nossa vida social, a pandemia palustre, e afigurou-se-me que não seria indifferente dar numa nota rápida ao público médico o aspecto demográfico colhido no exame estatístico da grave endemia em Portugal.

Por vezes nós, os médicos, esquecemos demasiadamente a função que nos cumpre de elucidar e discutir importantes problemas médico-sociais, cuja freqüência acaba por anestesiar a nossa atenção.

De facto, o que é comum não excita os sentidos; porisso desprezamos tantas vezes o que é habitual, mas fecundo em ensinamentos, para seguirmos a raridade brilhante, embora menos proveitosa. Isto explica, porque a literatura médica portuguesa está cheia de comunicações de *casos* que em regra só interessam os autores e ficam sem repercussão no movimento científico.

Isto justifica também, porque o Paludismo doença disseminada por largas zonas do País nos atrai tão pouco a curiosidade e a vontade de estudá-lo.

E valia a pena familiarizarem-se os médicos com o paludismo num país predominantemente marítimo e colonial, onde com freqüência desembarcam doentes a tremer maleitas, e não raro vêm aqui acabar as suas aventuras passadas pelas cinco partes do mundo. Mas, tranqüilizados pela aparente benignidade do sezonismo autóctone, esquecemos facilmente os casos fatais que alguma vez nos chegam ao conhecimento.

Além disso, embora nos embalemos complacentemente nos fumos gloriosos da epopeia ultramarina — sobretudo os patriotas bons-homens que nunca se aventuraram para lá das suaves ondulações da barra do Tejo, em tardes calmas de verão —, a verdade é que a tal muito falada *mentalidade colonial* jamais existiu nos médicos.

Não será inútil, portanto, demonstrar que o paludismo longe de ser uma doença quasi inofensiva e exótica, como habitualmente supomos, apresenta um coeficiente, na mortalidade geral do país, merecedor das atenções dos clinicos.

Para esse efeito procurei traçar a estatística da mortalidade pelo paludismo em Portugal nos últimos 20 anos, quer dizer, desde 1917 a 1936, segundo as cifras fornecidas pelo nosso Anuário Demográfico. Em seguida experimentei cotejar as taxas obtidas no nosso País com as de vários outros. Isto pareceu-me de utilidade para todos poderem avaliar do aspecto geral duma endemia, que atinge na sua formidável expansão a maior parte do globo e constitue ainda hoje uma séria barreira ao desenvolvimento e progresso em extensas regiões.

O PALUDISMO EM PORTUGAL
(Mortalidade p. 1.000 hab.)

Anos	Óbitos	Taxas p. ‰
1917	338	0,054
1918	468	0,074
1919	288	0,047
1920	237	0,039
1921	133	0,021
1922	158	0,026
1923	126	0,020
1924	142	0,023
1925	123	0,020
1926	130	0,021
1927	171	0,028
1929	201	0,032
1930	207	0,033
1931	149	0,023
1932	137	0,020
1933	148	0,021
1934	197	0,027
1935	214	0,029
1936	236	0,032

Segue o quadro em que situamos o País num conjunto de 35 nações de todos os continentes. Afigura-se-nos que é vantajoso sempre travar conhecimento com o que se passa no estrangeiro.

PALUDISMO
(Mortes, e taxas de mortalidade p. 100.000 hab.)

Em 1936		
Países :	Óbitos	Taxas p. 100.000 hab.
Dinamarca	0	0,
Estónia	0	0,
Islândia	0	0,

Paises :	Óbitos	Taxas p. 100.000 hab.
Luxemburgo	0	0,
Nova Zelândia	0	0,
Suécia (b)	0	0,
Suíça	0	0,
Uruguai	0	0,
Áustria	3	0,0
Canadá	3	0,0
Escócia	1	0,0
Finlândia	1	0,0
Japão (a)	51	0,0
Alemanha	38	0,1
Bélgica	12	0,1
Hungria	9	0,1
Irlanda	2	0,1
Irlanda do Norte	1	0,1
Lituânia	2	0,1
Noruega (a)	3	0,1
Holanda	4	0,1
Austrália	11	0,2
Checo-Eslováquia	24	0,2
França (b)	139	0,3
Inglaterra	16 (?)	0,6
Chile	29	0,6
Espanha (a)	220	0,9
Egipto	69	1,5
Italia	1.291	3,0
Estados Unidos	3.943	3,1
Portugal	236	3,2
U. Sul Africana (a)	64	3,3
Roménia	666	3,4
Bulgária	49	3,7
Grécia	5.096	74,0

(a) 1935

(b) 1934

Tais são as rápidas e despretenciosas notas, que me foram sugeridas pelos artigos a que acima me referi.

Que elas possam ser de algum interesse e venham a despertar o desejo nos médicos do Continente de melhor se informarem sôbre o Paludismo, seria tudo quanto teria a esperar.





1329672326

J.R.

